

RESENHA

JASPERS, Karl. **Razão e contra-razão no nosso tempo**. Lisboa, Minotauro, s.d.

José Mauricio de Carvalho (Dr.)
josemauriciodecarvalho@gmail.com
Professor IPTAN/FAPEMIG/FUNADESP

Jacqueline Giselle Farias Fernandes
jaque.fernandes@hotmail.com
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG

Larisa Ellen Silva e Silva
larisa_ellen@hotmail.com
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG

RECEBIBO 12/02/2018

APROVADO 22/02/2018

PUBLICADO 12/03/2018

Editor Responsável: Carla Caldas

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN: 2316-8080

DOI:10.16928

Esse livro foi publicado originalmente em alemão, em 1950, com o título *Vernunft und Widervernunft in unse rer Zeit*. Ele reúne três conferências do filósofo alemão Karl Jaspers intituladas respectivamente: a exigência científica, a razão e o combate à razão. Mereceu diversas traduções, a utilizada nessa resenha é a portuguesa, com prefácio de Delfim Santos que resume o eixo principal da obra (p. 7): "o contrário da razão não é extrínseco à própria razão". Com essa frase o filósofo português se dá conta da profunda crítica que Jaspers faz ao marxismo e à psicanálise na defesa do que parecem ser os valores essenciais da razão e da ciência moderna. Ele quer mostrar que inimigos da razão podem surgir entre os que dizem cultivá-la. Nesse livro Jaspers entra ainda em outras questões que marcam seu pensamento: a Filosofia nos situa no mundo permitindo ir além das necessidades vitais; a tradicional questão do Ser ou o sentido último da realidade mostra que o Ser mesmo se oculta além da razão, mas que se mostra parcial e gradualmente nela ao longo do tempo; a recuperação da razão significa afirmar o melhor da tradição iluminista, deixando de lado os exageros do falso iluminismo que atribui à razão mais do que ela pode dar; a razão ajuda a entender o mito, as crenças e a verdade oculta que eles escondem e orienta para superar os erros do que neles se coloca contra ela razão; defende a independência íntima combatida pelos totalitarismos.

No primeiro capítulo Jaspers examina a tradição filosófica. Ele verifica que não há consenso entre os filósofos quando definem o conhecimento, exceto entre os pensadores católicos pela adesão (p. 13): "ao pensamento tomista". Em seguida, observa que a tradição filosófica é marcada pelos avanços da ciência, de modo que (p. 14): "a ciência é a condição de qualquer verdadeira filosofia". No entanto, é preciso examinar criticamente as contribuições da ciência. Para mostrar os problemas que podem surgir abordará duas teorias que se apresentam como científicas: o marxismo e a psicanálise, expressões de um tempo em que a crítica à razão, vinda de dentro da ciência, ganhou força.

Jaspers explica que Marx entende a história do trabalho como ponte para a compreensão da história como um todo. Para ele, as revoluções até o momento só serviram para novos grupos chegarem ao poder, mas nenhuma conseguiu o essencial: modificar conjuntamente a realidade social e o homem. Em contrapartida, ele esclarece (p. 16): "A revolução comunista, pelo contrário, subverterá o conjunto social, transformando ao mesmo tempo o homem". Isso é apontado como fundamental porque somente um homem novo será capaz de criar uma nova sociedade, pois, explicava Marx, com a revolução industrial, o homem tornou-se ainda mais alienado que em outros períodos da história. Marx apostava no conhecimento não só para interpretar os acontecimentos, como fizera até então a Filosofia, mas para transformar a sociedade pela divulgação dos mecanismos de exploração do trabalho. E assim, ele deu à essa compreensão do que seja Filosofia e do seu papel social o *status* de ciência. No entanto, avalia Jaspers, Marx deixa de proceder como verdadeiro cientista quando assim procede (p. 19): "pois nunca atribui real importância a um setor particular. Possui uma concepção total das coisas". Fazendo assim atua como filósofo e não como cientista.

A filosofia marxista articula-se como metafísica materialista, mas de um materialismo diferente do consagrado pela Física e Química modernas. Marx entende que a História humana pode ser interpretada segundo os mesmos princípios utilizados pelas ciências da natureza e ele trabalha na perspectiva de uma história única (p. 21): "é a história da evolução natural até ao homem". O filósofo apresenta esse modelo histórico como verdadeira ciência, mas revela uma fé tendenciosa no movimento histórico.

Num tempo que valoriza a ciência, apresentar-se como teoria científica significa falar de uma verdade absoluta. No entanto, o que fez o marxismo foi elaborar uma interpretação da História, que sob o rótulo de científica, quer prevalecer sobre outros modelos. Além disso, apresenta-o como saber absoluto e articulador de um saber completo do mundo, que não é próprio da ciência moderna. Jaspers assim o explica (p. 27):

Num mundo privado de Deus, Marx levantou-se como um profeta; adotou os padrões que podem contentar todo mundo. Fez-se arauto de uma ciência que não o é, o chefe autoritário que não fala em nome de Deus, mas em nome da ciência, tal como ele a conhece.

Numa perspectiva semelhante, a psicanálise de Freud, apresenta-se como ciência capaz de revelar a intimidade do homem e, mais do que isso, promete sua salvação. Avançando além dos limites da Medicina, sai da esfera dessa, preparando-se para submetê-la.

Quando porém o conhecimento psicanalítico é assumido como fé, ele resiste a seus próprios princípios e se afasta da metodologia da ciência moderna. Assumido como crença o método psicanalítico aponta para o dogmatismo. Erros de concepção da ciência promovem esses equívocos como, por exemplo (p. 29): "confundir a compreensão do sentido dos fenômenos com a sua explicação causal".

O nosso conhecimento científico limita-se até onde alcançam as categorias da ciência. Essa metodologia conscientemente utilizada permite ao homem saber o que ele conhece e o que desconhece. Quando reduz a consciência a objeto, a psicanálise dela retira a

liberdade e quando o faz, em nome da prática médica, oculta algo fundamental da condição humana.

Portanto, Marxismo e Psicanálise, à parte de suas legítimas contribuições para a Sociologia e a Psicologia, tornam-se problema quando adotam postura de ciências totais e recusam a crítica. A ciência moderna é aberta a crítica, sem ela torna-se dogmática e sem restrições éticas converte-se em manifestação de Poder. Em seguida, Jaspers conclui o capítulo dizendo que para chegar ao saber científico é preciso possuir um objeto definido e um método rigoroso, mas para pretender dizer a Verdade total é preciso (p. 48):

um método científico que permita desvendar a mentira e um conhecimento total e de uma exteriorização em pretensos mitos. Este método logrará mais ainda: lançará os alicerces de toda a probidade intelectual, e foi este o tema de nossa dissertação de hoje.

No capítulo seguinte, Jaspers examinará a razão. A razão, ele diz, é mais que a inteligência, ela sempre está em movimento, é contrária ao arbítrio e a presunção. Ela não se manifesta fora de uma limitada comunicação, nunca esgotando a mensagem que pretende comunicar. Dela se pode dizer (p. 52): "que permite o conhecimento de si, a humildade, pois conhece as limitações humanas" e ainda "procura sempre escutar, sabe esperar, é oposto dos entusiasmos afetivos que toldam a visão". Pode-se então perguntar: qual é o objetivo da razão? Responde o filósofo (p. 53): "O que visa não é apoderar-se por qualquer preço de uma qualquer verdade, mas buscar a única verdade."

O que aparece ao homem é a tentação de abandonar a busca dessa verdade única. Diante da questão uma pergunta emergiu na tradição filosófica (p. 59): "por que, em última análise, deve existir alguma coisa, porque não haveria o nada?" Essa pergunta nos coloca diretamente em contato com o Ser e com a dúvida de como chegar até ele, pois (p. 60): "ele é o inapreensível, o impenetrável, aquilo que, precedendo todo o humano pensamento, se lhe vem oferecer". A questão do Ser, portanto, é a questão fundamental da Filosofia, mas as tentativas de o alcançar nunca têm perfeito êxito. Estamos diante de algo que se mostra na razão, mas que é maior do que ela.

A consciência do uno, eterno e verdadeiro aparece, para Jaspers, com o nome de razão englobante. Essa razão se encaminha para o uno e é liberta de toda finitude. Ela foi assim apresentada pelo filósofo (p. 60): "Esta razão englobante, que se desvia de toda a finitude a fim de se encaminhar para o uno, faz subitamente reaparecer tudo o que é e dirige-nos a uma linguagem inteiramente nova e maravilhosamente transparente".

O eterno vislumbrado pela razão somente se mostra na história, ainda que não se revele perfeitamente no tempo. É a história que vincula o eterno, o uno e o verdadeiro com o presente. Porém se ele não se revela perfeitamente no tempo, sem a razão ficamos prisioneiros de nossa historicidade e perdemos contato com o eterno, ou uno. Assim, a razão englobante permite reconhecer uma realidade que está além do que a razão pode perceber, mas que se mostra nela parcialmente.

Quando a razão não tem espaço emerge um primeiro viver cheio de apetites (p. 64): "um princípio antirracional, um certo *primum vivere*, que a si mesmo se atribui a pré-existência". Esse princípio aprisiona a vida, renega a palavra e a ação e funciona como um inimigo da razão. Eis como se coloca a contradição (p. 65): "enquanto o pensamento posto a serviço da razão permanece crítico, exigindo a verdade, o pensamento que se faz servo do querer viver não busca senão os sofismas que o justificam".

A razão não aparece sempre e nem sempre ganha destaque. Nosso tempo presta culto a contra-razão e isso tem consequências que é preciso evitar. Nos tempos em que a verdade não prevalece os resultados são desastrosos (p. 66): "os estados totalitários provam-nos que se pode embrutecer povos inteiros, quer privando-os de informação, quer lhes proibindo qualquer forma de discussão pública, quer habituando-os a alimentarem-se de mentiras". Procurar a verdade, exercitar a liberdade é um movimento contrário a nossa natureza que prefere guiar-se pela necessidade, pelos instintos. Justo por isso, no mesmo sentido de Kant, diz o filósofo (p. 69): "será preciso abandonar o nosso natural dado, o eu sou como sou, para nos repensarmos a nós próprios e reencontrarmos no fundo do nosso coração a seriedade de toda a responsabilidade".

Quando consideramos a realidade do homem concreto nos damos conta da importância da moral ao lado da procura sincera pela verdade. E a moral (p. 73): " não é função da utilidade pública e o amor ao próximo não representa um sentimento pequeno burguês, mas a força de gravitação que torna coerente qualquer civilização". Assim o amor e a razão se aproximam, como observou Platão. Diz o filósofo (p. 76): "O amor não é a razão, mas se encontra de tal modo impregnada por ele que Platão concebia o amor e o conhecimento como uma única e mesma coisa". O amor é que dá plenitude à existência, quando ele orienta as escolhas elas parecem definitivas, mas o amor também pode cessar, deixando o indivíduo no sofrimento e solidão.

Se a razão se perde, a Filosofia se encontra igualmente perdida, pois a missão da Filosofia é buscar a razão. É a razão que permite a crescente comunicação e revela o que está escondido no mundo. O compromisso com o verdadeiro, recusa tudo o que contradiz, menospreza e desnatura a verdade. Por isso, (p. 81): "o homem que conheceu o travo da razão jamais poderá renunciar a ele". E se o mundo a recusa, cabe a razão resistir aos ataques que recebe.

No terceiro capítulo, Jaspers apresenta as lutas da razão em nosso tempo, pois nos dias de hoje a razão não enfrenta apenas resistência comum, mas uma hostilidade assassina. Ela luta contra o espírito anti-filosófico que menospreza a verdade. Eis o que ele diz (p. 87/88): "Tal inimigo, decidido a nada saber da verdade, é o espírito antifilosófico; sob o rótulo do verdadeiro, exalta tudo quanto contradiz, menospreza e desnatura a verdade".

Esse espírito antifilosófico colhe o seu poder no murmúrio confuso, na penumbra, no saber dogmático, no feitiço, na magia, na aventura, no nosso ser que sente um impulso a uma pretensa unidade. Há ocasiões em que a antirrazão e a antifilosofia servem-se da razão e da filosofia. O mito, na história da cultura, é uma forma de expressar a verdade, mas quando se entrega aos ídolos não exprime a verdade e a falsifica. Ele o esclarece (p. 93):

Mas tudo se passa diferentemente na alternativa oposta: prendermo-nos incriticamente nos mitos significa entregar-nos aos ídolos. O sentido não é já o de uma penetração da razão pela qual a essência das coisas se transmite em imagens que, até nos fatos quotidianos, exprimam uma face da realidade.

O pensamento mágico afasta-se da vida. A multidão enxerga nos mágicos os anunciadores de uma nova época. Em todos os campos as massas seguiram os advinhos e deixaram-se enganar por eles. Porém, em nossos dias, deixar-se ludibriar por esse encantadores e mágicos é perder o sentido e a importância da verdade e por consequência também perder a liberdade. Explica Jaspers que sem a razão seguimos os encantadores e mistificadores como os carneiros do navio de Panurge, história do livro *Pantagruel* de Rabelais, que mergulharam nas águas do mar depois que um deles foi ali atirado porque balia e os demais o seguiram naquele destino terrível. Assim também se passa conosco quando (p. 98): "renunciando à razão renunciamos também à liberdade. Descobrimo-nos aptos a seguir qualquer forma de totalitarismo e, como o rebanho, acompanhamos o carneiro de Panurge, que nos arrastará para a catástrofe, para o crime, para a morte infamante".

A razão é como o ar que respiramos e do qual necessitamos. Porém evitamos esse ar mesmo tendo dele necessidade. A Filosofia quer um homem livre, fora da sedução dos totalitarismos. O respeito à razão, que foi uma boa herança do iluminismo, parece difícil em nosso tempo. Nesse sentido o homem se esquece de Deus, o que é próximo de esquecer-se de si mesmo. A razão necessita mais de autenticidade, do que de argumentos, pois seu produto vem pelo ato racional. Diz Jaspers que a razão caminha (p. 105): "com a lúcida consciência de não possuir a verdade e somente caminhar em sua busca". Isso significa que a razão está à procura da verdade, mas não tem a sua posse.

A universalidade é o espaço correto para a razão caminhar. Lutar pela razão é lutar pela Filosofia e pela ciência. Assim, apesar das inúmeras dificuldades do nosso tempo, Jaspers encontra esperanças de que a razão vencerá seus inimigos (p. 106): "Na medida de sua atividade, a razão dá-nos a esperança de que esta afirmação de si mesma acabará por vencer as forças da contra-razão e da anti-razão"

A vitória da razão nunca está assegurada, mas se encontra nela nossa única possibilidade de vida autêntica. Travar-se-á na universidade o combate espiritual pela razão: ela é a cidadela da razão pura na sociedade ocidental. O ensino, na instituição universitária, serve exclusivamente para despertar a atenção. Esta ação nas universidades, encontra-se ameaçada, com todo o nosso mundo e os nossos valores. Desde 1914, quando irrompeu a 1ª Grande Guerra, as forças da antirrazão vem ganhando força. Contudo, mesmo que o futuro pareça eliminar as esperanças, a razão não se desespera em seu caminhar. E assim termina o livro com a força da esperança no destino da razão (p. 116): "A razão assemelha-se à revelação de um mistério, perpetuamente acessível a cada um de nós, ela é silencioso espaço para onde, graças ao pensamento, é consentido a todos retirarem-se".

Este pequeno livro com três conferências é um trabalho importante de defesa da razão e da ciência. Ele mostra como a Filosofia e a atividade científica ajudam o homem a se

posicionar na vida, fornecem-lhe orientação para enfrentar os problemas que o afligem, asseguram a independência íntima, propõe um sentido para a existência autêntica, ajuda a clarear os problemas que afligem a humanidade, a preparar a busca da verdade, a insistir na necessidade da boa comunicação, a descobrir a razão englobante como forma de buscar o Ser além da consciência intencional. Os instrumentos que Jaspers utiliza defender a Razão e a Ciência é a crítica ao modo como o Marxismo e a Psicanálise, apesar de suas notáveis contribuições para a Sociologia e a Medicina, quando elas vão além da genuína ciência e pretendem ser ciências totais. Portanto, ele retoma e aprofunda o tema do capítulo oitavo da *Introdução ao pensamento filosófico* denominado *Psicologia e Sociologia*. Naquele capítulo ele menciona as perversões sofridas por essas ciências, reafirmando o que já anunciara em 1931 em *Die geistige Situation der Zeit* (A situação espiritual de nosso tempo). Ali dissera que perdendo contato com a metodologia das ciências modernas e com a parcimônia e o compromisso com a verdade, que é própria da Filosofia, produz-se erros sobre a aparência de verdade. Essa perversão leva a superstição científica e nos afasta de nós mesmos. O livro portanto, além de coerente revela o caminhar de uma reflexão que se mantém nos mesmos rumos ao longo do tempo.